

O Céu Ameaça a Terra

Bruna Ribeiro Gmurczyk (NUSP 9801462)

Conto livremente inspirado em uma lenda do povo Ikolen-Gavião contada por Betty Mindlin.

O céu pretejou, parecia um rio barrento em que não dava para ver muito além da distância de dois braços. A fumaça entrava no peito e dificultava a respiração. A aldeia Gavião parou. Todos os olhos voltados para o céu. Levaram os mehin para longe da direção do vento e para perto da água do rio que trazia um pouco de segurança.

Mawir estava sentado e olhando os adultos andando para lá e para cá, carregando suas coisas e conversando sobre os terríveis maira. No auge dos seus 8 anos, Mawir não entendia ao certo o que os maira faziam de tão ruim para os mehin, mas, por via das dúvidas, era necessário ter cautela. Ele já havia visto alguns maira, e nesse dia, por precaução, se escondeu por detrás de algumas árvores. Mas não viu muito, tampouco ouviu. Sabia apenas que o chefe Indiuma não gostava nem um pouco dos maira, embora soubesse que já não havia como segurar os mais jovens que cada vez mais traziam objetos e alimentos do “outro” povo para a aldeia. Mawir ainda se lembrava de quando o chefe destruiu os troncos dos jogos mehin quando os mais jovens preferiram as brincadeiras dos maira em vez da corrida com as toras.

A movimentação de todos continuava. Mawir ouviu até dos adultos jovens que os mehin deviam passar cores de guerra. Tristeza, raiva e preocupação continuavam intercaladas nos semblantes dos que passavam. Nunca tinham visto um fogo tão grande e um céu do dia tão sem sol.

Na manhã seguinte uma boa parte dos mehin já não estava mais lá. Ficaram apenas as crianças e os mais velhos. A velha Håk estava de olhos postos em Mawir e fez sinal para que ele a acompanhasse. Arco e flechas estavam nas mãos de ambos, o da velha Håk era grande e longo e o de Mawir, apesar de grande em relação ao seu tamanho, parecia um brinquedo perto do da anciã. Caminharam adentrando-se na floresta. Ainda era possível sentir o cheiro de fumaça no ar, mesmo que estivessem indo na direção contrária ao fogo do dia anterior. - Vamos pegar comida para hoje? - Perguntou o jovem curioso recebendo um “não” como resposta. Ele sabia que as mulheres mais velhas não costumavam ser responsáveis pela caça da aldeia, embora caçassem animais menores como tatus e jabutis.

Caminharam mais um tempo. Mawir percebeu que Håk estava muito séria. Nunca havia saído para caçar com ela, se é que era isso que estavam fazendo. Ainda curioso questionou - Aonde foram os mais velhos? - Depois de um tempo a velha Håk respondeu - Foram fazer o que acham que devem. E eu vou fazer o que acho que devo. Quero te mostrar e contar algo, e depois você faz o que acha que deve. - Mawir às vezes ouvia Håk contar lendas do passado, mas a maior parte dos outros meninos e meninas já nem queriam mais ouvir. A seriedade com que ela contava era desdenhada pelas gerações mais novas, que pensavam ser apenas histórias inventadas.

Håk parou. Mawir já participara de algumas caçadas para entender o sinal de presa à vista. Ambos se prepararam, Håk parecia já ter feito contato visual e retesava o arco. Mawir imitou o mesmo movimento na direção que a anciã apontara, apesar de ainda não ter visto nada. Håk relaxou os músculos, parecia ter desistido. Talvez fosse a presa errada, talvez Mawir tivesse feito muito barulho e espantado o animal. Mas antes que o menino conseguisse chegar a alguma conclusão, Håk já caminhava na direção para onde apontara o arco. A velha abaixou-se e pegou uma pequena ave com as mãos. Mawir se aproximou e viu uma cabecinha azulada entre os dedos de Håk. Não se lembrava de ter visto isso dentre as caças da aldeia. - Que pássaro é esse? Vamos levá-lo para comer? - Suspirando, a velha soltou a ave no chão, que ficou parada e encolhida, exausta demais para se afastar. - É um Nambu redondo. Crianças não podem comer esse tipo de Nambu, você vai ficar aleijado se comer. - Mawir parecia confuso então Håk continuou - Íamos fazer flechas especiais com as penas dele, mas desse jeito, está errado. Devíamos caçar o Nambu e não pegá-lo porque está cansado demais. - O garoto pôde sentir a tristeza nas palavras da anciã, os anos de seu corpo pareciam pesar agora.

Continuaram a busca por um Nambu redondo. A floresta estava de um jeito que Mawir nunca tinha visto. Acharam vários animais mortos queimados, dentre eles, alguns Nambus redondos. Os que acharam com vida estavam em um estado semelhante ao primeiro que encontraram logo cedo. O sol foi caminhando no céu e já estava na hora de começarem o caminho de volta. Mawir já estava cansado e apesar de uma certa admiração pela obstinação de Håk, após encontrarem talvez o quinto Nambu morto perguntou - Håk, o que estamos fazendo? Para quê precisa dessa flecha de penas de Nambu? - Håk se sentou e chamou Mawir com a cabeça, como fazia quando começava a contar suas lendas. O garoto chegou mais perto, sentando ao lado da velha, atento à cada palavra dela.

- Há muitos anos, o céu ficava mais longe. Era tão longe que não dava para ver o azul. Era escuro. Os mehin ouviram um barulho que vinha lá de cima, como se muitos trovões caíssem ao mesmo tempo. O céu tremeu. No começo não entenderam o que estava acontecendo. Mas com o passar dos dias, perceberam que o céu estava caindo. Descendo de-va-gar. Não sabiam o que estava acontecendo e nem o que fazer. O céu chegou a tocar o topo dos coqueiros e dos mamoeiros. Eles seguraram o céu por um tempo, a copa das árvores fez com que o céu não grudasse na terra. Para aqueles que tinham menos medo, foi possível tocar o céu. Contam os descendentes dos corajosos que tocaram nele, que o céu é bem duro e impossível de empurrar para cima. O tempo passou e o céu quase esmagou a terra. Até que um menino de 5 anos de idade caçou um Nambu. Alguns povos chamam essa ave de Mawir. Dizem que é por causa do nome do menino. O garoto colocou as penas do Nambu redondo em suas flechas, retesou seu arco e apontou para o céu. Soltou a primeira flecha. Espanto e alívio! A flecha empurrou o céu um pouco para cima. O menino esperto, soltou mais uma flecha e o céu subiu outro bom tanto. E então, soltou a terceira flecha que fixou o céu na altura em que está hoje.

Silêncio, até que o menino titubeou, pensativo - Håk, você queria... queria empurrar o céu preto... para longe? Lá para cima? - Mawir parecia ter entendido o motivo da anciã tê-lo chamado para essa caça.

- Pensei que talvez você pudesse fazer isso... eu sei, vocês jovens não acreditam mais nessas histórias. Mas, eu tinha que tentar. Só que sem as penas de Nambu, não há o que fazer... talvez a solução seja o que os mais jovens estão fazendo, indo conversar com o que eles chamam de maira menos maus. Talvez o fim do mundo não seja o céu caindo... e seja uma fumaça que doa de respirar e que não nos deixe ver nós mesmos. Talvez o fim seja esquecer. É, talvez só estejamos adiando o fim do mundo... - A velha Håk parecia ter envelhecido. Ela respirou fundo e levantou. Parecia resignada e estava se preparando para fazer o caminho de volta.

Mawir seguiu silenciosamente os passos de Håk. Então, ele viu mais um Nambu morto, talvez fosse um dos que eles já tivessem encontrado. Aproximou-se e pegou a ave na mão. Virando-a cuidadosamente entre os dedos, achou as penas que estavam menos chamuscadas. Retirou algumas penas e as prendeu em suas flechas. Håk percebeu o que estava acontecendo e o acompanhava com os olhos e com o coração.

Mawir foi em direção a uma clareira, uma que tinha sido aberta pelo fogo. Olhou para Håk e sorriu esperançoso - Não vamos saber se não tentarmos... - A anciã sorriu e juntou-se ao menino - É, não saberemos se não tentarmos... - Os dois retesaram seus arcos com penas de Nambu redondo e soltaram as suas primeiras flechas em direção ao céu.